



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – *LATO SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE CLÍNICA E ESCOLAR

THAYNARA BIANCA SOUZA DE ALBUQUERQUE
**MEMORIAL DESCRITIVO ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS
NOS MÓDULOS DE FORMAÇÃO PESSOAL**

Natal- RN

2018

THAYNARA BIANCA SOUZA DE ALBUQUERQUE

**MEMORIAL DESCRITIVO ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS
NOS MÓDULOS DE FORMAÇÃO PESSOAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de especialização em Psicomotricidade Clínica e Escolar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Psicomotricidade.

NATAL – RN

2018

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
2 CAPÍTULO 1	05
3 CAPÍTULO 2	07
4 CAPÍTULO 3	09
5 CAPÍTULO 4	10
6 CAPÍTULO 5	12
7 CAPÍTULO 6	13
8 CAPÍTULO 7	15
9 CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

1. Introdução

O presente trabalho foi realizado através de um memorial descritivo dos módulos de formação pessoal da pós graduação em Psicomotricidade Clínica e Escolar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal/Rio Grande do Norte.

Dessa forma, esse trabalho possui como objetivo descrever, de forma pessoal, os momentos vividos durante esses módulos bem como relatar as suas sensações e experiências, relacionando-as com a literatura.

Assim, se faz imprescindível entender o que é a psicomotricidade, de uma maneira ampla, Costa (2002) expressa que:

Psicomotricidade baseia-se em uma concepção unificada da pessoa, que inclui as interações cognitivas, sensoriomotoras e psíquicas na compreensão das capacidades de ser e de expressar-se, a partir do movimento, em um contexto psicossocial. Ela se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos. (COSTA, 2002)

Portanto, Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização” (SBP, 2003).

Quando falamos em Psicomotricidade, é necessário reiterar que não devemos individualizar o psíquico e o motor, os tratando de formas distintas, pois ambos são o mesmo, de forma indissociável e integral. De acordo com Oliveira (2001) a psicomotricidade se propõe a permitir ao homem “sentir-se bem na sua pele”, permitir que se assuma como realidade corporal, possibilitando-lhe a livre expressão de seu ser; pois o indivíduo não é feito de uma só vez, mas se constrói, paulatinamente, através da interação com o meio e de suas próprias realizações e a psicomotricidade desempenha aí um papel fundamental.

Hoje, a psicomotricidade se divide em correntes distintas, enquanto uma aponta para a educação psicomotora, outra, para a terapia e reeducação

psicomotora (LE BOULCH, 1982), sinalizando não apenas um amplo mercado de atuação, mas também olhares diferentes sobre a forma de enxergar a psicomotricidade. Diante disso, é de suma importância que a formação do psicomotricista ocorra de forma integral independente da corrente a ser seguida, contemplando não só os saberes da área, mas enfatizando também a formação pessoal do mesmo.

É a partir dela que o psicomotricista irá vivenciar diversas situações que poderão ocorrer durante a sua atuação profissional, entendendo a sua disponibilidade corporal e a do outro, enxergando o corpo não como uma máquina psíquica e motora, mas sim como um corpo sensível, que possui uma história e que deve ser respeitada, compreendo tudo isso através de um processo de autoconhecimento.

Vieira (2014) exalta a importância da formação pessoal:

Pois é nela que o futuro psicomotricista relacional irá encontrar respaldo para seu autoconhecimento, condição indispensável para que sua atuação seja de qualidade. É a partir de suas próprias vivências em Psicomotricidade Relacional que o futuro profissional encontrará subsídios para atuar de maneira a promover o maior aproveitamento e desenvolvimento daqueles que participam de seus grupos de atendimento. (VIEIRA, 2014)

Durante as formações pessoais descritas nesse trabalho, foram realizadas sessões de psicomotricidade que envolviam toda a turma, e a partir disso, a autora irá relatar as vivências realizadas, bem como refletir criticamente sobre as sensações de relacionar-se com o próprio corpo e o corpo do outro.

2. Capítulo 1

Durante a primeira formação pessoal, foram realizadas experiências corporais afim de promover uma maior interação entre a turma e também de vivenciar uma sessão de psicomotricidade.

Inicialmente, o professor Patrick propôs uma dinâmica em grupo, sendo realizada uma ciranda chamada “Minuet”, a qual tinha como objetivo quebrar o gelo e a timidez inicial da turma, possibilitando uma maior disponibilidade corporal entre os sujeitos. Segundo Lapierre e Aucouturier (2004, p. 12) “É a

disponibilidade do ser que vai permitir a liberação do desejo e a real aquisição de conhecimentos”, por isso, é necessário que o indivíduo permita se disponibilizar para que o conhecimento seja obtido de forma satisfatória, e essa atividade, permitiu que essa disponibilidade acontecesse gradativamente, sem gerar um choque de emoções nos sujeitos envolvidos, pois, a cada momento da brincadeira, era aumentada a interação entre os participantes, de modo que ao final da atividade, eu e todos os participantes estávamos tocando o corpo do outro sem nenhuma intenção negativa, nos fazendo esquecer a tensão corporal encontrada no início da mesma, corroborando com a afirmação de Lapierre e Aucouturier (2004, p. 20) explicitando que “o melhor modo de ajudar a vencer as dificuldades é fazer com que elas sejam esquecidas”.

No instante seguinte, sucedeu-se uma sessão de psicomotricidade em um espaço fechado e com músicas infantis, onde foram distribuídas diversas bolas de variadas cores, texturas e tamanhos. Nesse momento, os sujeitos envolvidos foram deixados de forma livre para se divertir da maneira que achasse mais interessante, porém, seguindo algumas regras, como não machucar o outro com as bolas, preservar o espaço, entre outras. Durante essa atividade, os indivíduos se permitiram brincar de diferentes modos com as bolas, em grupos ou individualmente, revivendo a infância:

Colocar à disposição das crianças e dos adultos diferentes tipos de objetos e observar o modo como eles os utilizam, o investimento progressivo que realizam com tais objetos, é uma fonte importante de ensinamentos. Além disso, as situações espontaneamente criadas se ordenam, em geral, em torno de um tema, consciente ou inconsciente, o qual dever ser percebido e explorado, entrando assim, diretamente, nas motivações profundas do grupo. (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 2004, p. 23).

Por esse motivo, foi possível observar durante a realização dessa prática, as diversas formas em que cada indivíduo se relacionava com o objeto: alguns totalmente confortáveis com as bolas, assim como eu, e outros que demonstravam algum tipo de tensão ao chegar perto da mesma. Porém, ao final da atividade todos nos encontrávamos eufóricos e felizes.

Posteriormente, houve uma sessão de relaxamento, com o intuito de acalmar os sujeitos e promover o relaxamento muscular nos mesmo, pois “ o processo de relaxamento contribui para que o paciente corrija o que está errado em suas relações com seu corpo, com outras pessoas e com suas próprias emoções” (DE SOUZA et al., 2016, p. 56). Mas, esse momento representa para mim, certa tensão, pois não consegui relaxar como os outros colegas.

Após isso, em um momento final de socialização, foi realizada uma roda de conversa, com a proposta de se fazer uma autorreflexão sobre as sensações vividas durante as atividades. Nesse momento, cada indivíduo relatou a sua experiência pessoal, porém, grande parte da turma afirmou ter vivenciado uma regressão a sua fase da infância, onde algumas sensações foram afloradas novamente, como o medo, a agressividade, a timidez, entre outras. Para mim, a atividade me trouxe uma certa felicidade ao brincar novamente com bola, me remetendo a jogos que há tempos não vivenciava. De acordo com Lapierre e Aucouturier (2004, p.29) “Neste momento, o objeto já está carregado de uma certa afetividade. Um trabalho individual pode nos levar a um diálogo afetivo com certos objetos com os quais o contato é agradável. Somos levados ao estado regressivo do objeto transicional”.

Para finalizar, foi realizada uma atividade espontânea, onde os sujeitos receberam uma folha e uma caneta para descrever as sensações e melhores momentos das vivências. No meu caso, desenhei várias bolas, pois para mim, foi o momento mais especial da aula. Para Lapierre e Aucouturier (2004, p.29), a atividade espontânea é de extrema importância, pois “ela permitirá que sejam detectados os interesses reais da criança e do grupo, interesses não formulados, ainda vagos e inconscientes, mas que encontram um começo de expressão na ação”. Dessa forma, após esse momento de reflexão e auto avaliação, foram encerradas as dinâmicas do sábado.

3. Capítulo 2

Durante esse segundo módulo, a professora Maria Aparecida Dias realizou experiências corporais afim de promover uma maior interação entre a turma e também de vivenciar uma sessão de psicomotricidade.

Inicialmente, foi proposta uma atividade a qual os participantes se dividiram em duplas e tinham que “empurrar” uns aos outros tencionando o tônus muscular, gerando uma hipertonia. Isso ocorre pois o tônus é um estado de tensão ativa, permanente e variável na sua intensidade em função de diversas ações que o aumentam ou diminuem (MARTINS, 2015). No decorrer da atividade, as duplas eram trocadas afim de promover uma maior interação entre tais.

Na segunda atividade as duplas iriam, através de uma bola, tocar e massagear o corpo do outro em diferentes partes. O uso da bola facilitou o processo, pois durante esse momento ela exerceu a função de objeto transitivo, deixando os participantes mais à vontade.

Após isso, todas as duplas deveriam ser trocadas (de preferência com pessoas consideradas “desconhecidas”) para a terceira atividade, onde um participante deveria deitar-se, relaxar (ficando em hipotonia) se concentrar na respiração e sentir o contato do outro, entrando em sintonia e vivenciando o diálogo tônico.

Segundo Maximiano (2004):

O tônus é o canal de comunicação enfatizado em Psicomotricidade. Para além da manutenção e adaptação da "atitude" muscular, o tônus estabelece diálogo. O diálogo tônico está inerente à expressão dos contatos corporais, à voz (tonalidade, projeção, fluência), à respiração e ao ritmo pessoal que influencia a estruturação temporal das interações. (MAXIMIANO, 2004)

Durante a quarta atividade, todos deveriam criar brincadeiras utilizando seus lençóis. Essa atividade despertou uma sensação de alegria, pois nos fez retomar nossa infância e as brincadeiras que realizávamos, o que é bastante importante, pois através do jogo espontâneo e simbólico, as crianças aprendem a transformar as sensações, os atos e os afetos em pensamentos, projetos e palavras (MARTINS, 2015)

A quinta atividade foi bastante intensa, pois, em duplas, os participantes deveriam primeiramente olhar no olho de sua dupla, afastar-se e aproximar-se rapidamente. Após isso, as duplas deveriam olhar-se fixamente e, em seguida, realizar uma massagem manual no rosto uns dos outros. Durante esses momentos, era possível perceber o desconforto da maioria dos indivíduos e a

dificuldade de realizar esse simples ato. Deixar-se olhar pelo outro, permite um meio de reconhecimento dos próprios limites, ao mesmo tempo que possibilita a contenção da expansão impulsiva e desregulada dos mesmos (MAXIMIANO, 2004).

Finalizando, a sexta atividade representava o nascimento e a relação entre mãe-bebê, onde em duplas, uma pessoa “nasceria” e a outra seria a “mãe”, acolhendo esse ser que estava chegando ao mundo. Tal atividade proporcionou emoção para a maioria dos participantes, pois foi nítida a importância do diálogo tônico nesse momento, que corresponde ao processo de assimilação e, acima de tudo, de acomodação entre o corpo da mãe e o corpo da criança (DE CÉSARIS E ÁVILA, 2013).

Por fim, as atividades propostas foram bastante interessantes, pois despertou diversas sensações nos participantes, as quais podemos discutir em uma roda final, onde todos os presentes dialogaram sobre suas apreensões e prazeres durante todas as vivências, podendo vencer obstáculos internos.

4. Capítulo 3

Na terceira formação pessoal, foi realizada uma sessão de psicomotricidade com o professor Carlos Alberto de Mattos no ginásio da UFRN, onde inicialmente o mesmo solicitou que formássemos uma roda para discutir o que seria trabalhado durante todo aquele momento: a construção da imagem corporal e o brincar.

Primeiramente, foi realizada uma atividade a qual toda a turma deveria se dividir em duplas, e em cada dupla uma pessoa ficaria vendada e seria guiada pelo espaço de diversas formas através de seu colega, em seguida quem estava guiando passaria a ser vendado para vivenciar os dois momentos. Após isso, as duplas se reuniram para discutir as sensações vividas. No meu caso, considerei mais “fácil” ser guiada ao guiar alguém, levando em conta a responsabilidade de proteger e cuidar do outro.

No segundo momento, a atividade proposta era a de com um membro da dupla novamente vendado, senta-lo ou deita-lo ao chão para que o outro “esculpsisse” uma estátua do mesmo, e ao final, quem estava vendado teria que adivinhar qual o pensamento de sua dupla em relação ao o que a estátua

estava representando, em seguida as funções entre as duplas eram trocadas. Essa atividade foi bastante interessante, pois nos levou a construção da nossa imagem corporal, Carlos Alberto de Mattos afirma que “A imagem corporal, subjetiva, é constituída na relação com o outro, nos laços sociais”.

Após isso, todos os alunos foram convidados a deitar-se no chão, fechar os olhos e relembrar a sua infância, as brincadeiras que gosta e os momentos marcantes vividos. Em seguida as duplas conversaram sobre os seus pensamentos, e a maioria das pessoas trouxeram lembranças positivas, como as brincadeiras dos tempos de criança, e isso os levou a uma sensação de relaxamento corporal. Nessa perspectiva Winnicott afirma que o brincar encontra-se presente em crianças e adultos de todas as idades e é uma experiência que passa necessariamente pela corporeidade.

No quarto momento, o professor nos apresentou o conto “o carregador e as jovens mulheres”, onde reunidos em quatro grandes grupos deveriam reinventá-lo de várias formas: mudando o final, trazendo o conto para a nossa realidade de hoje, invertendo os papéis do homem e das mulheres... essa atividade foi bastante interessante, pois gerou uma maior interação entre os alunos da turma, nos aproximando, nos fazendo rir e ainda proporcionando uma reflexão sobre as formas que o conto era transformado.

Por fim, foi realizada uma roda final, onde discutimos todos os momentos vivenciados a tarde, as sensações proporcionadas e relacionando tudo isso com os conceitos estudados, gerando uma troca de conhecimento bastante interessante.

5. Capítulo 4

Contemplando o quarto módulo, foi realizada uma sessão de psicomotricidade com a professora Maria Aparecida Dias no ginásio da UFRN, onde nós experimentamos vivenciar e desenvolver atividades como psicomotricistas, ressaltando os estudos sobre o jogo. Huizinga (2007) enxerga o jogo como elemento da cultura humana, possuindo um papel importante nas sessões de psicomotricidade, pois o mesmo pode provocar regressão. Dessa forma, para Lapierre (2008), o jogo consiste como um meio de acesso ao psiquismo.

Inicialmente, a professora pediu para que caminhássemos pelo espaço disponível (sala de dança) e, de forma gradual, foi criando situações para que nos envolvêssemos na atividade. Durante essa vivência, nossas ações eram livres, nos permitindo vivenciar a atividade da forma que melhor nos sentíssemos.

Posteriormente nos dividimos e a professora solicitou que cada grupo criasse atividades que envolvessem tais características do jogo: não verbal, onde o corpo se torna o único modo de expressão e comunicação; sem julgamentos, que permite e favorece a expressão e atuação simbólica; Imaginário, onde se permite que o sujeito se sinta livre para fantasiar fora dos limites da realidade.

Todos os grupos conversaram entre si, e em seguida, cada um apresentou suas atividades. Meu grupo escolheu atividades como siga o mestre, e morto vivo. Mas, de maneira geral, as atividades propostas não agradaram a professora, uma vez que ela afirmou que os jogos escolhidos pelos grupos não simbolizavam uma sessão de psicomotricidade, pois todos eram compostos por comandos estabelecidos previamente (sem preocupar-se com o desejo do sujeito) e não possuíam sentido e significado para os mesmos. Inicialmente, nos sentimos frustrados por não atender as expectativas da professora.

Porém, ao perceber essa situação, Maria Aparecida nos propôs uma nova reflexão sobre a psicomotricidade e as atividades realizada por nós, dialogando sobre cada detalhe. Após isso, ela nos convidou para uma nova tentativa, em meu grupo, resolvemos contar uma história de faz de conta, onde a psicomotricista seria a narradora. Enquanto ela narrava, os seus alunos encenavam de maneira livre a história através de gestos. Durante essa atividade, não houve julgamentos sobre os desejos e manifestações corporais dos participantes em questão.

Dessa vez, os grupos entenderam a proposta de uma sessão de psicomotricidade, expondo atividades que condiziam com o contexto apresentado. Nesse momento, entendi o motivo das críticas iniciais da professora, percebendo que elas são essenciais para a minha formação.

Por fim, discutimos sobre as vivências realizadas, levantando questionamentos e refletindo sobre eles.

6. Capítulo 5

O quinto módulo de formação pessoa, possuiu ênfase no movimento corporal como expressão e linguagem. Durante as vivências foram realizadas dinâmicas em grupo utilizando a linguagem verbal e não verbal.

No que se refere a comunicação, RAMOS e BORTAGARI (2012) explicitam que:

Comunicação é o intercâmbio compreensivo de significação por meio de símbolos, havendo ou devendo haver reciprocidade na interpretação da mensagem verbal ou não-verbal. Seja qual for o modo da comunicação, verbal ou não-verbal, ela está sempre presente na cena terapêutica, veiculando conteúdos conscientes e inconscientes, cuja significação está vinculada ao contexto em que ocorre. (RAMOS e BORTAGARI, 2012)

Pelo fato da turma ser muito grande, o professor utilizou a estratégia de dividi-la, ficando metade da mesma no auditório onde acontecem as aulas discutindo um artigo que se trata desse tema, e a outra parte realizando as vivências, após isso, os grupos trocavam as funções.

Inicialmente, foi feita uma roda inicial para ser dialogado sobre as atividades propostas. A primeira atividade foi uma ciranda chamada “lá vem o crocodilo”, onde os participantes cantavam a música inteira, que tratava de vários animais, fazendo os gestos que remetem aos mesmos. A cada vez que a música era cantada, um animal ficava “mudo” e realizava-se apenas o gesto.

Após isso, a turma foi dividida em dois grupos para realizar uma mímica que explorava um pouco a história dos negros, onde após um breve “diálogo” cantado, um grupo iniciava a mímica sobre um filme e o outro tentava adivinhar.

Nessas atividades, a comunicação não verbal exerceu uma função importante, pois através dela, pudemos decodificar os sinais retratados pelos gestos realizados. Dessa forma, sobre esses sinais podemos entender que:

Os tipos de sinais não-verbais que podem ser “lidos” durante uma interação de pessoas envolvidas no processo de comunicação são: as ações ou movimentos do corpo, a postura corporal (cinésica), os sinais vocais ou paralinguísticos, o uso do espaço pelos comunicadores (proxêmica), os objetos e adornos utilizados, o tipo de corpo (características físicas) e o momento em que as palavras são ditas. (RAMOS e BORTAGARI, 2012)

Por último, o professor dispôs a turma em uma roda, onde iniciou uma ciranda que explorava as músicas e as danças de diferentes lugares. Ao iniciá-la, todos tinham que cantar e dançar como ele, e cada vez que o mesmo cantava, formavam-se duplas que dançavam juntos, se olhando.

Finalizando, foi feita uma roda, onde discutimos sobre a relação das atividades propostas com o tema do módulo. Esse momento foi muito rico, pois houve um intenso diálogo sobre as inquietações de várias pessoas sobre como utilizar essas atividades nas escolas onde trabalham, assim professor e os alunos puderam conversar sobre sugestões e estratégias.

7. Capítulo 6

Durante a sexta formação pessoal, a professora Maria Aparecida desenvolveu com a turma uma sessão de psicomotricidade no laboratório de ludicidade da UFRN. Inicialmente, foi pedido a turma que andasse pelo espaço de forma livre, andando rápido, devagar, reto, em forma circular... após isso, ela pediu para que parássemos em frente a um colega e fizesse uma “careta”. Até esse momento, eu estava me sentindo confortável, mas a partir do momento que precisou gesticular para um colega, me senti um pouco retraída, mas realizei o que foi proposto. Em seguida, foi pedido para que encontrássemos uma dupla, e “empurrasse” a mesma com o corpo de várias formas diferente.

Em um segundo momento, a professora colocou uma música e pediu para que diversas vezes encontrássemos novamente duplas para dançar de formas variadas. Esses momentos em duplas sempre me deixam desconfortável, pois não consigo me sentir à vontade junto a pessoas que não

conheço, entrando em um verdadeiro conflito interno. Vieira (2014) ressalta a importância da psicomotricidade relacional nesse aspecto, pois:

É uma prática que permite que a criança, ao jovem e ao adulto, a expressão e superação de conflitos relacionais, interferindo de forma clara, preventiva e terapêuticamente, sobre o processo de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio emocional, na medida em que estão diretamente vinculados a fatores psicoafetivos relacionais. (VIEIRA, 2014)

Após refletir sobre o que a atividade pedia, resolvi enfrentar a situação e participar da mesma, para mim foi um momento de superação, pois consegui realizar todas as atividades propostas anteriormente.

Durante essas atividades, pude conhecer pessoas diferentes que estudam comigo desde o começo da pós-graduação, mas que por falta de comunicação eu nem se quer sabia que faziam parte da turma. Em um certo momento parei para refletir sobre as atividades que estavam sendo realizadas e a sua ligação direta com o conteúdo estudado, e pude perceber como o nosso corpo tem o poder de se comunicar com o outro sem nenhum contato verbal, apenas com o toque e o gesto, sentindo e entendendo a percepção do outro perante aquele momento tão especial. Merleau-Ponty (1999) reafirma esse momento de descoberta quando reitera que “quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo”.

No terceiro momento, foi pedido para que formássemos grupos de 5 pessoas para que discutíssemos sobre brincadeiras vivenciadas na nossa infância, com o intuito de primeiramente dialogar com a turma sobre nossa percepção, e após isso, escolher uma atividade para apresentar para a turma.

O desafio inicial da atividade foi formar grupo com pessoas desconhecidas, mas rapidamente começamos a conversar sobre nossa infância e em alguns minutos, parecia que já nos conhecíamos a tempos. Nesse momento pudemos perceber que, apesar de todas as diferenças (de idade, de cidade, de bairro) tínhamos brincadeiras em comum, porém cada um a conhecia de uma forma distinta.

No momento de discussão com a turma, pudemos perceber na prática a importância da cultura de movimento na vida de cada um ali presente,

observando que a experiência de vida e a relação entre corpo, movimento e cultura que cada indivíduo possui é o que ele se tornou hoje, é o seu corpo, sua experiência, sua forma de se expressar, sua vida. Merleau-Ponty (1999) reitera essas afirmações quando explana que a cultura de movimento, ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história. Um conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do seu corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais. Um conhecimento que permite a compreensão do mundo por meio do corpo em movimento no ambiente, cultura e história.

Por fim, cada grupo apresentou uma brincadeira para turma, onde algumas pessoas puderam participar e, ao final de cada prática apresentada, a professora nos dava o feedback da importância psicomotora que tal prática possui. Esse módulo foi extremamente intenso para a turma, percebi a emoção no olhar de várias pessoas ao sair daquela sala. Tenho certeza que todos nós saímos diferentes de alguma forma, pois construímos e reconstruímos relações e vivenciamos experiências únicas.

8. Capítulo 7

Durante este capítulo, será descrito o sétimo módulo de formação pessoal, ministrado pelo Psicomotricista Patrick Coquerel.

No decorrer da manhã, iniciando a formação, fizemos uma breve explanação sobre os Pilares da Educação, que segundo Werthein e Da Cunha (2000), a comissão presidida por J. Delors chegou à conclusão de que:

A educação deve ser organizada com base em quatro princípios-pilares do conhecimento que são: Aprender a Conhecer, Aprender a Viver Juntos, Aprender a Fazer e Aprender a Ser. Esses caminhos do conhecimento propostos pelo Relatório Delors, a rigor, possuem um imbricamento lógico, de forma que não é possível pensá-los isoladamente. Na prática eles interagem e são interdependentes e se

fundamentam numa concepção de totalidade dialética do sujeito. (WERTHEIN; DA CUNHA, 2000)

Após refletir criticamente em um momento de diálogo entre a turma, iniciamos uma sessão de Psicomotricidade. Inicialmente, Patrick pediu para que andássemos no espaço de diversas formas, gesticulando e interagindo com os colegas sem usar a linguagem verbal. Essas atividades sempre me deixam tímida, por isso sinto um certo desconforto em realiza-las, tentando evitar sempre o contato visual. Dessa vez tentei me disponibilizar corporalmente, gesticulando e conversando através da linguagem corporal com os colegas, mas, mesmo assim, não consegui me entregar como gostaria.

Após isso, Patrick dividiu a turma em três grandes grupos para que, cada grupo, produzisse um monumento utilizando os seus próprios corpos. O meu grupo (e os outros dois também) realizou uma pirâmide humana. Observei que os grupos interagiram de forma muito positiva, dialogando e discutindo a melhor forma de organizar e distribuir as pessoas para que a pirâmide se tornasse confortável para todos. A atividade, de uma maneira geral, me deixou bastante confortável, pois todos os componentes do grupo foram sensíveis e acessíveis durante a execução da mesma.

Durante a tarde do sábado, voltamos a explanar no auditório os Pilares da Educação, fazendo uma profunda reflexão sobre o saber ser, saber fazer, saber conhecer e saber conviver, onde pude expor minhas dúvidas, opinião e dividir minhas experiências. Posteriormente, voltamos ao Laboratório de Ludicidade para vivenciar atividades voltadas a musicalização e a dança. A música desempenha um importante papel para a psicomotricidade, pois segundo Ferreira e Rubio (2012):

A identificação que a criança tem pela música, faz desta uma aliada nas intervenções motoras, proporcionando a criança alegria e aprendizagem ao mesmo tempo, a vivência escolar é a ocasião em que a criança mais desenvolve seu esquema estrutural, a música aliada com a psicomotricidade torna-se ferramenta importante no desenvolvimento corporal, consolidando um caminho para um desempenho global saudável. (FERREIRA; RUBIO, 2012)

Inicialmente o professor começou demonstrando passos individuais, depois em duplas e finalizando com um grande grupo. A dança é algo que

me retrai, por algum motivo que ainda desconheço. Quando se faz necessário dançar em público, meu corpo enrijece e não me sinto confortável. Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós estão enraizados em normas coletivas implícitas (LE BRETON, 2007).

Durante o domingo, foi realizada uma sessão de psicomotricidade aquática. A intervenção psicomotora em meio aquático (MA) é um contexto privilegiado, cujas características particulares permitem sensações e ações únicas, promotoras do desenvolvimento psicomotor (LEITÃO et al., 2008). Diante disso, o professor realizou atividades que proporcionaram movimento dos mais simples ao mais complexo, e finalizou embalando uma canção com todos os participantes. Foi um momento bastante interativo e de ótima aceitação da turma, pois a psicomotricidade aquática objetiva às crianças e aos adultos que as educam conhecerem-se e reconhecerem-se neste ambiente como sujeitos que se expressam (SAYÃO, 2002).

Por fim, o meio aquático trouxe consigo outras possibilidades de atuação profissional, bem como uma nova face da psicomotricidade a ser refletida e enxergada. Além disso, todas as atividades propostas obtiveram êxito ao estarem relacionadas não apenas com os pilares da educação citados anteriormente, mas com todos os conteúdos abordados durante as formações.

9. Conclusão

No decorrer do trabalho, foi possível observar e refletir criticamente sobre a importância da formação do psicomotricista, tendo como base principal o preparo especializado do profissional, que deve abarcar de maneira integral a formação teórica, profissional e pessoal.

Dentre essas três, a formação pessoal demonstrou ter uma importância impar nesse processo, pois é através dela que o futuro psicomotricista irá entrar em contato consigo mesmo, buscando um progresso pessoal em relação ao seu autoconhecimento. A partir das duas experiências, encontrará subsídios

através das formações pessoais para superar problemas pessoais muitas vezes inconscientes, e a partir disso, promover uma atuação profissional de qualidade.

Referências bibliográficas

BOTTA, Ricardo Alexandre Aneas; VELASCO, Jéssica Oliveira Alves. AVALIAÇÃO PSICOMOTORA: UM ESTUDO DE CASO. **JORNADA CIENTÍFICA DA UNESC**, n. 1, 2018.

DE SOUZA, Luiz Paulo Marques; FORGIONE, Maria Cristina Rizzi; ALVES, Vera Lúcia Rodrigues. Técnicas de relaxamento no contexto da psicoterapia de pacientes com queixas de dor crônica e fibromialgia—uma proposta. **Acta fisiátrica**, v. 7, n. 2, p. 56-60, 2016.

DE CÉSARIS, Delia Maria; ÁVILA, Daniel Camparo. **Movimentos espontâneos do diálogo tônico-postural e atividades expressivas**. *Estilos da Clínica*, v. 18, n. 3, p. 613-625, 2013.

FERREIRA, L.; RUBIO, J. A Contribuição da Música no Desenvolvimento da Psicomotricidade. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, 2012.

LAPIERRE, André. **El juego: expresión primera del inconsciente**. *Revista iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales*, n. 31, p. 37-42, 2008.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação**. 3ª edição, 2004.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Trad. Por Ana Guardiola Brizolara. 7ª edição. Porto alegre: Artes Médicas, 1992.

LEITÃO, A. I.; LOMBO, C.; FERREIRA, C. O contributo da psicomotricidade nas dificuldades intelectuais e desenvolvimentais. **Revista Diversidades**, v. 22, p. 21-24, 2008.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. **Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional.** **Revista Digital Buenos Aires**, v. 13, 2008.

MARTINS, Rui. **O corpo como primeiro espaço de comunicação: o diálogo tônico-emocional no nascimento da vida psíquica.** *Psilogos*, v. 13, n. 1, p. 34-43, 2015.

MAXIMIANO, Janete. **Psicomotricidade e relaxação em psiquiatria.** *PsiLogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*, p. 85-95, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção / Maurice Merleau-Ponty** ; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque Psicopedagógico.** 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. A comunicação não-verbal na área da saúde. **Revista CEFAC**, v. 14, n. 1, 2012.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, 2002.

SBP. **SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE.** Disponível em: <www.psicomotricidade.com.br>. Acesso em: julho de 2018.

VIEIRA, José Leopoldo. **Psicomotricidade relacional: a teoria de uma prática.** **PerspectivasOnline 2007-2011**, v. 3, n. 11, 2014.

WERTHEIN, Jorge; DA CUNHA, Célio. **Fundamentos da nova educação.** Unesco, 2000.